

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**SAMANTHA CRISTINA GAROFALO**

**A BULA DE MEDICAMENTO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO**

Artigo apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a): Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes

Aprovado em 05/08/2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (orientador)  
Universidade Federal do Ceará

Prof.<sup>a</sup> Dra. Isaura Nelsivânia Sombra Oliveira (membro)  
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva (membro)  
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza  
2025

---



## RESUMO

A informação e o letramento informacional são conceitos extensos e essenciais. O presente trabalho trata dos conceitos de informação, letramento informacional, e fontes de informação a fim de compreender como esses conceitos estão presentes na vida cotidiana dos usuários, e como eles se relacionam com elas. O presente estudo busca entender o relacionamento do usuário de medicamentos com a bula que o acompanha. Para isso, foi necessário entender como o usuário trata as suas fontes de informação, e como ele avalia as informações recebidas a partir dela. A metodologia utilizada para tal começou pela revisão bibliográfica, e se consolidou por meio de pesquisa quali-quantitativa, com uso de formulário online e entrevistas anônimas. A partir dos resultados obtidos, pudemos concluir que a bula de medicamento é um documento relevante aos usuários daqueles, mas que ainda há o que ser melhorado a fim de que a bula se torne um documento cada vez mais acessado.

Palavras-chave: Informação; Letramento Informacional; Fontes de Informação; Bula de Medicamento.

## ABSTRACT

Information and information literacy are broad and essential concepts. In this paper, we address the concepts of information, information literacy, and information sources in order to understand how these concepts are present in users' daily lives and how they relate to them. The present study seeks to understand the relationship between medication users and the package inserts that accompany them. In order to achieve this, it was necessary to understand how users treat their information sources and how they evaluate the information they receive. The methodology used for this study began with a literature review and was consolidated through qualitative and quantitative research, using an online form and anonymous interviews. Based on the results obtained, we were able to conclude that the medication package insert is a relevant document for users, but that there is still room for improvement to ensure that the package insert becomes an increasingly accessible document.

Keywords: Information; Information Literacy; Information Sources; Medicine Package Leaflet.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao adentrar o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, nos deparamos com conceitos até então novos. A renovação do conceito de informação criado de forma geral; o que é informação e o que são fontes de informação, de onde vem, o que



representam. O curso traz diferentes formas de avaliar coisas que previamente julgamos saber.

A escolha do tema se deu exatamente em função dessa motivação: o que leva um consumidor de medicamentos a não ler as informações que estão ali disponíveis sobre o produto que ele está ingerindo? Seria por confiar inteiramente nas instruções do profissional que o atendeu e receitou o produto? Ou seria, então, por não levar a sério o que diz a bula? Esses são os questionamentos que movem esse trabalho: entender o motivo que leva a bula de remédio a, apesar de tão importante, ser tão pouco utilizada. Assim sendo, a pergunta que norteia nosso estudo é: o que leva os usuários a confiarem nas bulas de medicamentos como fonte de informação?

Um estudo realizado em Araraquara, no estado de São Paulo entre os anos 2000 – 2003, (SILVA, 2006) revelou que em torno de 25% dos entrevistados não leem a bula. Em outro âmbito, os entrevistados que leem, mas apresentam dificuldades na compreensão estavam em 77,25%. Apesar dos que não leem representam 25% dos pesquisados, os que de fato leem, além da dificuldade, procuram apenas as informações que julgam ser mais relevantes e importantes quando eles vão realizar o consumo do remédio: contraindicações, posologias, e reações adversas, são alguns exemplos que continuam sendo os mais procurados.

Com base nisso, procuramos respostas para a dúvida proposta: nos interessa saber o que separa o usuário do conhecimento da bula.

A leitura das bulas de medicamento por parte do usuário é uma prática que se mostra pouco comum em nossa sociedade, apesar do alto consumo de medicação no Brasil. De acordo com o Conselho Nacional de Saúde, o Brasil está entre os dez países que mais consomem medicamentos no mundo, e para além disso, 50% desses os usuários os consomem de maneira incorreta.

O trabalho se foca na compreensão da bula de medicamento como fonte de informação, e busca entender como o usuário encara esse documento: se ele confia nele, e o que o leva a tal decisão. Temos como objetivos entender a relação do usuário de



medicamentos com a bula dos remédios que ele consome ao analisar o uso da bula de medicamento como fonte de informação, e para isso procuramos verificar se os usuários leem a bula, entender se os usuários acreditam que a bula é uma parte necessária dos medicamentos; compreender se os usuários acreditam que as informações contidas na bula são confiáveis, averiguar se os usuários acham o material contido na bula de fácil compreensão, definir a relação entre o usuário e a bula de medicamento.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Informação: conceito, busca, uso e acesso

O conceito de informação pode se tornar muito abrangente. Ao pesquisar a palavra “informação” em mecanismos de busca na *internet*, o primeiro resultado nos devolve quatro respostas principais:

1. Ato ou efeito de informar-se; informe;
2. Notícia, conhecimento, ciência;
3. Conjunto de conhecimentos reunidos sobre determinado assunto ou pessoa;
4. Fato de interesse geral a que se dá publicidade.

O termo “informação” sempre trouxe consigo inúmeros significados. A Ciência da Informação entende que o conceito de “informação” pode mudar de acordo com onde se está usando, e prevê inúmeras definições que se adequam a diferentes aspectos dos estudos da informação.

Cada contexto se utiliza de uma definição que mais se encaixa nas suas necessidades, uma vez que informação tem inúmeras definições e usos.

A definição científica que mais se assemelha à definição “informal” de informação é dada por Setzer (1940), e diz que informação é “a ação de informar; formação ou moldagem



da mente ou do caráter, treinamento, instrução, ensinamento, comunicação de conhecimento instrutivo.”

Informação enquanto conceito carrega uma diversidade de significados, do uso cotidiano ao técnico. Genericamente, “o conceito de informação está intimamente ligado às noções de restrição, comunicação, controle, dados, forma, instrução, conhecimento, significado, estímulo, padrão, percepção e representação de conhecimento.” (BORKO,1968). Machlup (1983) diz que a “informação é um fenômeno humano. Envolve indivíduos transmitindo e recebendo mensagens,” nos falando sobre a relação intertextual da informação, que precisa de interlocutores para significar seu sentido. Para Barreto (2002), “a informação é qualificada como instrumento modificador da consciência do homem. [...] produz conhecimento e modifica o estoque mental de saber do indivíduo”. Desse modo, para o autor, “o pensamento se faz informação e a informação se faz conhecimento.”

Fica evidente que o conceito de informação é visto de diferentes formas para diferentes autores, de acordo com o contexto em que se encontra. No que diz respeito ao presente estudo, pretendemos tratar a informação no que o usuário entende como “informação”, ou seja: uma definição informal, e não científica. Estamos falando da primeira resposta obtida no mecanismo de busca: o ato de “informar-se” por parte do usuário.

Quando falamos sobre o usuário, temos que entender o que o interessa, e o que ele busca ao tentar descobrir algo. O usuário existe em todos os contextos, uma vez que não há informação para quem não a consome. De acordo com Guinchat e Menou (1994, p. 481) “o usuário é um elemento fundamental de todos os sistemas de informação”, pois ele é necessário para que a informação se desenvolva e evolua. Se não há usuário, não há um desenvolvimento da informação obtida – o usuário é quem significa o que está buscando, e assim, como aplicará a informação alcançada.

Figueiredo (1979) considera importantes dois tipos de necessidades de informação:

- A necessidade de informação em função do conhecimento, que é uma necessidade

que resulta do desejo de saber;

- A necessidade de informação em função da ação, uma necessidade que resulta de necessidades materiais exigidas para a realização de atividades humanas, profissionais e pessoais.

A partir disso, podemos perceber que a forma como os usuários utilizam, e portanto, entendem a informação, está diretamente ligada à forma como eles a usam. É necessário entender o contexto em que buscam essa informação – desejo, ação, questão profissional – e seguindo disso, a forma como será aplicada a informação adquirida.

Para Nunes e Carneiro (2019), informação “implica em significado, está inscrita na cultura e depende das ações dos indivíduos para existir e se modificar, logo, sua definição deve levar em conta outras esferas sociais.”

Para Le Coadic (1996, p. 39), as “necessidades e os usos são interdependentes, se influenciam reciprocamente de uma maneira complexa que determinarão o comportamento do usuário e as suas práticas,” ou, como interpretamos tal sentimento: a necessidade do usuário influencia diretamente a forma como ele usa a informação.

Quando falamos dos conceitos de informação, o que nos interessa, principalmente, é o que fala do papel ativo que o usuário exerce na sua busca, pois ele é quem age para “ser/ estar/ ficar informado” (ILHARCO, 2003). Isto implica em defender a ideia de que a informação não tem vida própria, nem existência exterior, ao contrário, assenta-se nos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos nos quais os indivíduos estão inseridos (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Buscando entender a parte que cabe ao usuário, foram feitas inúmeras pesquisas que vieram a se chamar “estudos de usuários”. Originalmente, os estudos eram focados nos resultados obtidos pela coleta de dados; somente posteriormente, focados no lado qualitativo, é que foi possível focar nas ações humanas.

O enfoque na questão humana foi o que possibilitou “entender o que é a informação



do ponto de vista das estruturas mentais dos usuários que se relacionam (que necessitam, que buscam e que usam) a informação” (ARAÚJO, 2014, p. 62), ou seja, permitiu com que se pudesse aprofundar o entendimento do que era a informação do lado do usuário.

Savolainen (2007) introduziu uma perspectiva de análise que marca a importância do contexto do usuário; a noção de práticas informacionais abrange modos de identificar, buscar, avaliar e compartilhar informações através de construtos sociais com base nas necessidades e motivações dos próprios indivíduos. Similarmente, Frohmann (2008) diz que a Ciência da Informação se caracteriza como uma prática social e, por esse motivo, ao se debruçar sobre a relação entre usuário e informação deve considerar suas experiências, condições de trabalho e comunidades de que participa.

É essencial que possamos entender o papel que a cultura e o ambiente em que se está inserido exercem na compreensão da informação.

Não podemos ignorar a importância da *internet* nesse processo. Vivemos em um período onde o acesso à rede se tornou quase que integralmente assumido; acreditamos, a todo momento, que todos têm acesso à *internet*. Essa situação, obviamente, não é real – em meio a questões sociais, ainda existe uma parcela que não tem acesso a esse serviço – mas não podemos negar que a *internet*, hoje, está presente na maioria dos espaços, e que se tornou uma parte essencial de qualquer “busca à informação”.

A *internet* traz consigo um grande volume de informações a serem observadas. A facilidade de uso fez com que inúmeras fontes pudessem colocar informações, e nem sempre é fácil identificar o que se está lendo. Cunha (2010) diz que “muitos usuários possuem dificuldades de especificar os termos de busca, de entender as páginas recuperadas, de identificar o sítio mais relevante entre milhares de páginas na *internet*”. Esse fato tornou o acesso à informação uma atividade turbulenta, e muitas vezes confusa.

Por outro lado, a *internet* também trouxe inúmeros benefícios. De acordo com Tamaro e Salarelle (2008, p. 164):

“O usuário tem possibilidade de acesso a instrumentos eletrônicos com os



quais pode construir sua própria base de dados, pode criar novos documentos incorporados, manipulando ou fazendo ligações com outras pessoas ou colaborar com outros estudiosos em projetos comuns.”

Já Bawden (2001) entende que diante da sobrecarga informacional, a informação disponível e potencialmente útil acaba desencadeando um obstáculo (ou atraso) para o indivíduo que dela necessita, em vez de uma ajuda. Para Terra e Bax (2003, p.5), “o excesso de informação está associado à perda de controle sobre a informação e à inabilidade em usar efetivamente a informação”.

A *internet* facilitou a democratização do acesso à informação, mas não deve ser a única fonte de pesquisa de um usuário. É essencial que o usuário faça uma pesquisa bem elaborada, para que possa ter certeza de que os resultados obtidos são claros e corretos.

## **2.2 O letramento informacional e o uso da informação na vida cotidiana**

Como definido anteriormente, o presente estudo pretende ater-se a uma definição mais coloquial de informação. Assim sendo, estamos tratando-a como “o ato de informar-se”.

Quando falamos da relação da informação com a vida cotidiana, estamos falando do sujeito que busca a “informação em função do conhecimento, que é uma necessidade que resulta do desejo de saber” (FIGUEIREDO, 1979), e que assim, não está se aprofundando em questões técnicas.

Entretanto, no contexto da “informação coloquial”, como a estamos tratando, se faz necessário que falemos do letramento informacional (LI). Para compreender tal conceito, nos focamos nas definições exibidas por Gasque (2012), que diz que o LI cria uma relação no processo de ensino-aprendizagem que permite que seja possível usar a informação na resolução de problemas. Em entrevista, Gasque (2013) explicita o conceito de letramento informacional:

“[É um] processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões. O letramento informacional é um processo

investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida. Pessoas letradas têm capacidade de tomar melhores decisões por saberem selecionar e avaliar as informações e transformá-las em conhecimento aplicável.”

Em seu livro *Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem* (2012), Gasque também diz que [de acordo com a] “Association of College and Research Library (ACRL, 2000), [...] information literacy refere-se às competências que possibilitam ao indivíduo reconhecer a informação necessária, bem como localizá-la, avaliá-la e utilizá-la eficazmente”, ou seja, não é necessário apenas que o usuário use as informações encontradas para tomar decisões, mas também, que ele consiga utilizá-las de forma eficaz.

A partir disso, entendemos como o LI é fundamental para o usuário. O letramento informacional é o que permite que uma pessoa comum consiga distinguir entre as informações que recebeu de diversas fontes até chegar em uma conclusão pessoal que orienta sua escolha.

Nesse processo, também há de se incluir o objeto informacional, uma vez que não há informação propriamente dita se não há de onde tirá-la. Os objetos informacionais estão presentes nas fontes de informação, e colocam os usuários no centro da relação, tornando sua realidade e suas vivências em partes essenciais do uso da informação colhida.

As fontes de informação são múltiplas. Podemos defini-las como “[...] qualquer recurso que responda a uma demanda de informação por parte dos usuários, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, etc.” (BIREME, 2001, p. 7). Apesar de sempre terem sido múltiplas, desde a popularização do advento da *internet*, podemos afirmar que as fontes de informação se tornaram muito mais amplas do que jamais foram.

As fontes de informação podem ser classificadas em fontes primárias, secundárias e terciárias, e a sua diferenciação é importante. De acordo com Cunha (2001), as fontes primárias “[...] são fatos vindos diretamente das fontes e não adulterados [...]. É uma informação que não pode ser mudada, alterada ou disfarçada por opiniões ou seleções”.

Para Pinheiro (2006), as fontes ou recursos de informação em meio eletrônico primários “correspondem à ‘literatura primária’ e são aqueles que se apresentam e disseminados exatamente na forma com que são produzidos por seus autores”.

As fontes secundárias, para Cunha (2001), “contêm, informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles [...]”.

As fontes terciárias ajudam “o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, [...] [e atuam como] sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários, além de informação factual [...]” (CUNHA, 2001).

Entendendo cada uma dessas fontes, e sua importância na pesquisa, podemos então traçar um possível caminho trilhado pelo usuário na busca das suas informações, e depois na confirmação das informações por ele encontradas.

Estamos tratando, principalmente, da *internet* como mecanismo principal de busca por essas informações, e, portanto, a principal fonte nessa busca.

Muito disso se dá devido ao uso da *internet* não somente por parte dos usuários, mas também por parte dos pesquisadores. A *internet* passou a ser usada como principal espaço para compartilhamento de arquivos como periódicos e revistas, o que aumentou, também, a credibilidade que os espaços *online* têm. Essa credibilidade não trata somente com os pesquisadores, mas também com os usuários. Entendendo que os espaços são também frequentados por pesquisadores, os usuários sentem que podem confiar nas informações por eles encontradas.

O aumento da credibilidade, porém, não implica em toda informação encontrada ser crível. Ela gera, na verdade, uma série de problemáticas.

Uma delas seria a dificuldade de checar a credibilidade das fontes, pois o sistema de rede permite que não só a publicação, mas também a edição de material seja facilitada. Uma outra problemática, diretamente ligada à primeira, fala sobre fazer a triagem das

informações encontradas devido à grande quantidade de dados disponíveis na *internet*.

Entretanto, essa questão problemática também é um reflexo do uso da informação no dia a dia do usuário.

É necessário entender a relação dele com as suas fontes de informação, para que então possamos traçar a ordem em que se realiza a pesquisa e em que ponto se chega na satisfação com os resultados obtidos.

### **2.3 A bula de medicamento**

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define a bula de medicamento como “um documento legal sanitário que serve para obter informações e orientações sobre medicamentos necessárias para o uso seguro e tratamento eficaz”, mas apesar de ser tida como necessária, ela só passou a ser exigida a partir de 1931, junto à regulamentação da profissão de farmacêutico no Brasil.

Desde então, a bula de medicamentos e a forma como ela é reconhecida no Brasil passou por uma extensa quantidade de modificações até que alcançasse a posição que tem hoje.

De acordo com a ANVISA, “as bulas devem conter informações sobre a prescrição, preparação, administração, advertência e outras orientações necessárias para o uso seguro e tratamento eficaz”. A Resolução RDC nº. 47/2009 traz como componentes obrigatórios na bula de medicamento:

I - Identificação do Medicamento, descrita no Anexo I desta resolução, com exceção da informação da via de administração e idade mínima para uso adulto e pediátrico;

II - Informações ao Paciente, descritas no Anexo I desta resolução, quanto às frases de advertências específicas relacionadas aos excipientes, aos cuidados de armazenamento, ao prazo de validade, às orientações de preparo e reações adversas que forem relacionadas à formulação do medicamento e não apenas ao princípio ativo;

III - Informações aos Profissionais de Saúde, descritas no Anexo I desta resolução, quanto às frases de advertências específicas relacionadas aos excipientes, aos cuidados de armazenamento, ao prazo de validade, às orientações de preparo e às incompatibilidades e

reações adversas que forem relacionadas à formulação do medicamento e não apenas ao princípio ativo;

IV - Dizeres Legais, descritos no Anexo I desta resolução, com exceção dos dizeres relacionados à restrição de venda ou uso que devem ser os mesmos dispostos nas respectivas Bulas Padrão. § 2º As bulas dos medicamentos genéricos e similares devem contemplar apenas as informações das Bulas Padrão relativas às formas farmacêuticas e concentrações para as quais há registros relacionados para os genéricos e similares.

Utilizando o Anexo I da mesma resolução mencionada acima, podemos gerar a seguinte tabela para compreensão das informações exigidas:

**Tabela 1** — Componentes obrigatórios na bula de medicamento

PARTES	DADOS
I. Identificação do Medicamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nome comercial do medicamento;</li> <li>• Em caso de genérico: "Medicamento Genérico, Lei nº. 9.787, de 1999";</li> <li>• Citar a concentração do(s) princípio(s) ativo(s);</li> <li>• Citar via de administração, usando caixa alta e negrito;</li> <li>• Incluir a frase, em caixa alta e em negrito, "USO ADULTO", "USO ADULTO E PEDIÁTRICO ACIMA DE ___" ou "USO PEDIÁTRICO ACIMA DE ___".</li> </ul>
II. Informações aos Pacientes	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1. Para que este medicamento é indicado?</li> <li>• 2. Como este medicamento funciona?</li> <li>• 3. Quando não devo usar este medicamento?</li> <li>• 4. O que devo saber antes de usar este medicamento?</li> </ul>



	<ul style="list-style-type: none"><li>• 5. Onde, como e por quanto tempo posso guardar este medicamento?</li><li>• 6. Como devo usar este medicamento?</li><li>• 7. O que devo fazer quando eu me esquecer de usar este medicamento?</li><li>• 8. Quais os males que este medicamento pode me causar?</li><li>• 9. O que fazer se alguém usar uma quantidade maior do que a indicada deste medicamento?</li></ul>
<p>III. Informações Técnicas aos Profissionais de Saúde</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• 1. Indicações</li><li>• 2. Resultados de eficácia</li><li>• 3. Características farmacológicas</li><li>• 4. Contra-indicações</li><li>• 5. Advertências e precauções</li><li>• 6. Interações medicamentosas</li><li>• 7. Cuidados de armazenamento do medicamento</li><li>• 8. Posologia e modo de usar</li><li>• 9. Reações adversas</li><li>• 10. Superdose</li></ul>



<p>IV. Dizeres Legais</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Informações gerais<ul style="list-style-type: none"><li>○ Sigla MS + número de registro no Ministério da Saúde com 9 dígitos iniciais;</li><li>○ Informar o nome, número de inscrição e sigla do Conselho Regional de Farmácia do responsável técnico;</li></ul></li><li>• Informações da empresa<ul style="list-style-type: none"><li>○ Informar nome e endereço da empresa titular do registro no Brasil;</li><li>○ Informar o CNPJ;</li><li>○ Informar telefone do Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) da empresa;</li><li>○ Para medicamentos importados, informar dados precedido por "Fabricado por:" e "Importado por:";</li></ul></li><li>• Informações de embalagem e comercialização;</li><li>• Incluir as frases necessárias (por exemplo, 'comercialização proibida', ou 'uso hospitalar' etc);</li><li>• Incluir símbolo da reciclagem de papel.</li></ul>
---------------------------	--

Fonte: Autor. (Baseada na Resolução Nº 47, de 8 de Setembro de 2009)

O acesso às informações contidas na bula, conforme vemos na tabela acima, passou a ser exigido pelas agências reguladoras por se tornar claro o quanto ele é essencial para que o usuário possa chegar a uma decisão informada sobre suas escolhas. Apesar disso, há outro ponto importante a ser compreendido quando falamos sobre o uso da bula: o letramento em saúde.

Assim como falamos do letramento informacional no tópico 2.2, o letramento em saúde caminha lado a lado no que diz respeito às escolhas feitas pelos usuários enquanto tratamos das bulas de medicamentos.

O letramento em saúde trata da habilidade de buscas, compreender e compartilhar informações básicas sobre saúde, e aplicá-las para tomar as decisões acertadas no que diz respeito à saúde (ARAGÃO, 2025).

Esse entendimento é reiterado no respeitado *Health Literacy: A Prescription to End Confusion* (“Alfabetização em Saúde: Uma receita para não ficar mais confuso”, em tradução livre), que utiliza a definição de letramento em saúde desenvolvida para a National Library of Medicine e utilizada pela Healthy People 2010: “o grau em que os indivíduos têm a capacidade de obter, processar e compreender informações e serviços básicos de saúde necessários para tomar decisões de saúde adequadas” (Ratzan e Parker, 2000). No livro, Nielsen-Bohlman *et al* (2004) diz que:

“[...] a capacidade do indivíduo contribui substancialmente para a alfabetização em saúde. O termo "capacidade" refere-se tanto ao potencial inato do indivíduo quanto às suas habilidades. A capacidade de alfabetização em saúde de um indivíduo é mediada pela educação e sua adequação é afetada pela cultura, pela língua e pelas características dos ambientes relacionados à saúde.”

Compreender esse contexto é necessário para que possamos, finalmente, entender a literatura acerca do nosso tema. É com esse entendimento que retomaremos, no tópico 4, a discussão sobre a confiança do usuário na bula enquanto fonte de informação.

### **3 METODOLOGIA**

O presente trabalho segue um modelo quantitativo exploratório, por acreditar que ambas as pesquisas são adequadas ao tema proposto, além de realizar uma pesquisa bibliográfica de materiais relevantes ao tema.

A pesquisa bibliográfica é, acima de tudo, um exercício investigativo do que já existe no campo prático. Ela permite que façamos um estudo exploratório ao estudar de forma ativa o que foi proposto antes de nós, a fim de que possamos contribuir mais e mais com

as informações do campo escolhido e enriquecer a área estudada.

A técnica de coleta de dados se deu por meio de um formulário criado no Google Forms, e distribuído de forma *online* por meio de compartilhamento em redes sociais. O formulário teve 21 perguntas, e se dividiu de forma similar ao questionário: primeiro, ele faz perguntas acerca do perfil do participante, e depois segue para as questões de relação do usuário com a bula. O formulário ficou disponível de 07/07/2025 até 14/07/2025, e obteve 88 respostas anônimas.

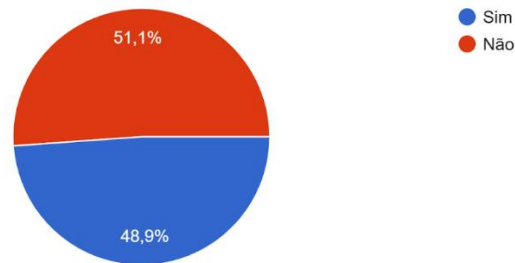
#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O formulário *online*, como mencionado, retornou 88 participações e contou com variadas respostas, possibilitando observar uma quantidade considerável de opiniões acerca do foco do presente estudo.

A primeira parte do formulário tratava do perfil dos respondentes, e suas perguntas eram apenas objetivas. Observando o perfil dos participantes, pudemos observar que a grande maioria dos respondentes, com 72,7% das respostas, pertence ao gênero feminino, e se encontra na faixa etária de 36-55 anos. No que tange à escolaridade, 30,7% dos respondentes indicam ensino superior completo, seguido de 29,5% com pós-graduação. Nenhum dos respondentes indicou não ter escolaridade.

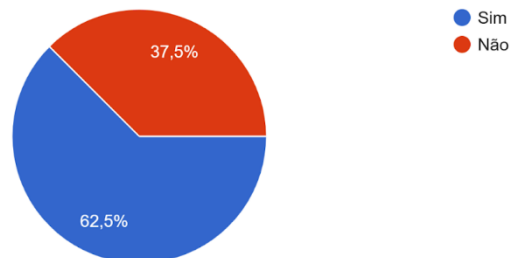
Depois, ainda sobre o perfil, mas com uso de respostas também abertas, o formulário seguiu para questionamentos acerca do uso de medicamentos contínuos. Foi possível observar que 48,9% fazem uso de medicamentos de forma contínua. Das 43 respostas que mencionam o uso de medicamentos contínuos, 38 respondentes informaram quais medicamentos usam, e dessas respostas pudemos perceber que medicamentos para controle da pressão arterial (Losartana e Hidroclorotiazida), medicamentos para controle do sistema nervoso (Sertralina e Ritalina), e medicamentos para controle do colesterol (Rosuvastatina e Metformina) foram os mais mencionados. Ademais, medicações anticoncepcionais e analgésicas também foram mencionadas de forma considerável.

4. Você faz uso contínuo de medicamentos?  
88 respostas



A última questão acerca do perfil indaga sobre o uso de medicamentos sem prescrição médica. As respostas indicam que 62,5% dos usuários fazem uso de medicamentos sem prescrição médica, indicando 55 respostas, enquanto 37,5% responderam que não fazem.

5. Você costuma tomar medicamentos sem prescrição médica?  
88 respostas

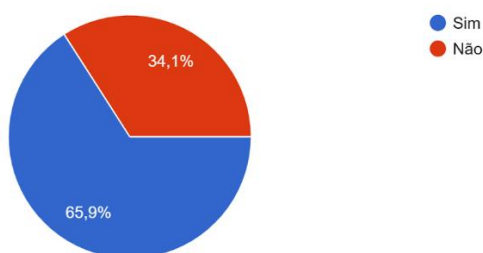


O formulário, então, segue para questionamento acerca dos motivos para as respostas positivas. Das 55 respostas positivas, 54 citaram os motivos. O principal motivo citado foi a familiaridade ou uso prévio do medicamento escolhido, seguido pela necessidade de alívio imediato de algum sintoma. Em seguida, os respondentes indicaram a facilidade e a praticidade de não precisar ir ao médico. Por último, 3 respondentes indicaram a *internet* e o ChatGPT como fonte de informação.

Após entender o perfil dos respondentes, o formulário segue para questões de relacionamento dos usuários com a bula, fazendo uso de perguntas com respostas

objetivas unidas às justificativas em formato de respostas abertas a fim de inserir mais espaço para que possamos expandir a compreensão do material estudado.

6. Você tem o hábito de ler a bula ao usar medicamentos?  
88 respostas



De 88 respondentes, 65,9% indicaram positivamente que leem a bula, enquanto apenas 34,1% indicaram que não leem.

Ao serem questionados sobre o motivo, as 58 respostas positivas indicaram, em sua maioria, a necessidade de se informar quanto aos efeitos colaterais e às reações adversas, seguidos de informações sobre dosagem e posologia, e por último, questões de interesse geral, como curiosidade quanto ao princípio ativo e confirmação de informações checadas pela *internet*.

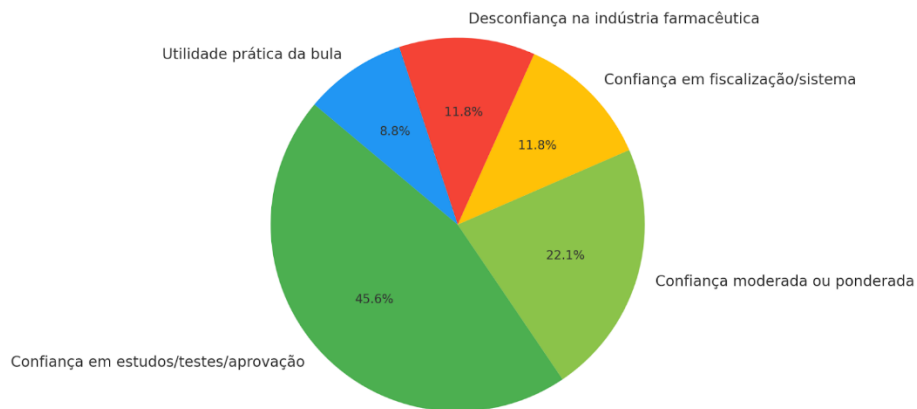
Ao observar as 30 respostas negativas, o principal motivador para não ler a bula se deu por confiança no médico que receitou a medicação. O segundo motivo mais mencionado foi a dificuldade da leitura, tanto por questões práticas (tamanho da fonte do texto e extensão do material) quanto por questões textuais (complexidade das informações e teor técnico do texto). Ademais, também foram mencionadas questões pessoais, como falta de tempo, paciência, e medo de conhecer os possíveis efeitos adversos.

A próxima pergunta do formulário questionava acerca da confiança nas informações contidas na bula. A maioria das respostas, 80,7%, confirmam a confiança no documento, enquanto 18,2% responderam “em parte”, indicando certa desconfiança, e apenas 1,1%

responderam que não confiam.

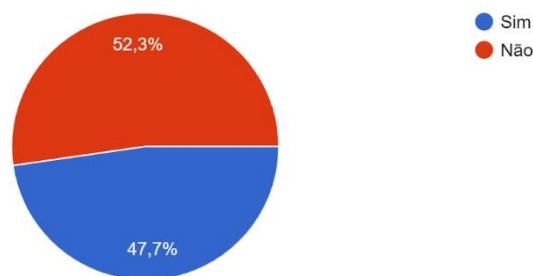
Das respostas positivas, pudemos observar majoritariamente a confiança nos órgãos reguladores, nos estudos e testes conduzidos, e na utilidade prática da bula, enquanto as respostas de desconfiança total e em partes, mencionaram principalmente, a desconfiança na indústria farmacêutica, mas também, não ter total confiança nas fiscalizações realizadas, conforme visto no gráfico abaixo.

Percepções sobre a Confiabilidade e Utilidade das Bulas de Medicamentos



A próxima pergunta, “Você já deixou de tomar algum medicamento por causa das informações lidas na bula?”, retornou 42 respostas positivas, e 46 respostas negativas.

8. Você já deixou de tomar algum medicamento por causa das informações lidas na bula?  
88 respostas

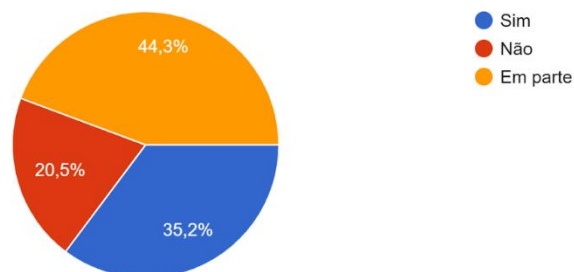


Ao estudar as justificativas fornecidas, pudemos perceber que o fator mais recorrente é o medo de efeitos colaterais ou reações adversas, seguido por contraindicações específicas ao quadro clínico.

É interessante notar, nessa questão específica, a forma como algumas das respostas indicam, mais uma vez, a *internet* como ponto de referência (“Pq a bula explicou algo que não constava na net”), ou a desconfiança devido a disparidade de informações fornecidas pelo médico *versus* o que constava na bula (“Encontrei contra indicações que poderiam piorar meu quadro clínico”), ou ainda, ter sido desencorajado pelo próprio médico que receitou a medicação e teve a informação corroborada pela bula (“pq o próprio médico disse q a medicacao viciava eu não tomei”).

As próximas perguntas, 9 e 10, falavam acerca de questões práticas da bula.

9. Você considera a bula um documento de fácil compreensão?  
88 respostas

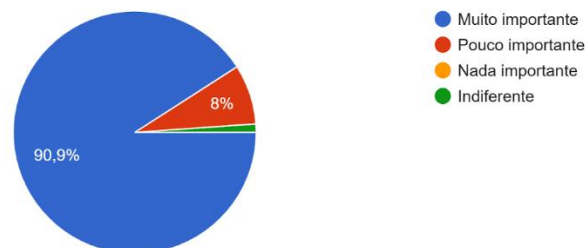


Na pergunta 9.1, o formulário pedia que o respondente justificasse sua resposta. Nos levando de volta às respostas da questão 6, a maioria das respostas negativas e/ou “em parte”, se colocou em torno de questões de compreensão, como os termos técnicos e a linguagem específica, seguido de questões físicas, como tamanho da fonte utilizada, ou formatação do texto, e ainda a densidade e extensão do texto. As respostas positivas, entretanto, citaram questões similares, como a extensão do texto e a linguagem utilizada, porém de forma positiva, acreditando que o texto é de fácil compreensão.

Na pergunta 10, o formulário pedia que o respondente citasse o que ele achava que poderia ser melhorado na bula de medicamento. As respostas tocaram majoritariamente em dois pontos: mudança estética (fonte de tamanho maior, organização melhor nos tópicos) e mudança textual (linguagem mais acessível, clareza nas informações). Além desses tópicos principais, algumas respostas incluíram soluções como respostas visuais, como gráficos e imagens, para incluir pessoas com menor grau de instrução, e uma versão resumida da bula com as informações mais procuradas.

A próxima pergunta, sobre a importância de a bula estar presente junto ao medicamento, a grande maioria dos respondentes acredita ser muito importante que a bula esteja presente na embalagem.

11. Para você, qual é a importância da bula estar presente na embalagem do medicamento?  
88 respostas



As respostas acerca disso mencionaram, principalmente, o acesso às informações sobre o medicamento e a forma como isso é necessário para que as pessoas tomem decisões informadas quanto aos medicamentos que consomem. As respostas classificadas como pouco importante e indiferente, por outro lado, ressaltaram o fato de que, mesmo lendo a bula, não deixaram de tomar um medicamento receitado por ler informações contidas nela, então sua presença não se faz tão importante. Nesse tema, entretanto, uma resposta em específico se destacou: “Para mim que não costumo ler ela não tem importância, mas acho importante ela estar lá.”

Por último, a questão 12 indagava acerca de outras fontes de informação que não fossem a bula. Das respostas, 94,3% confirmam o uso de outras fontes de informação,



enquanto apenas 5,7% dizem que não utilizam outras fontes. As respostas positivas dessa pergunta, associadas às respostas da questão 5 (“Você costuma tomar medicamento sem prescrição médica?”), citam de forma extensiva o uso da *internet* e do ChatGPT como fontes de informação que os usuários julgam ser valiosas na hora de tomar suas decisões. Outras fontes de informação confiáveis citadas são os próprios médicos que prescreveram os medicamentos, os farmacêuticos consultados na hora da compra, e amigos e familiares que já tomaram medicamentos similares.

Estudando todos os resultados obtidos, podemos observar que a bula de medicamento é, sim, um documento relevante para os usuários. É possível perceber que os usuários confiam na bula enquanto fonte de informação. Mesmo notando uma parcela de usuários que indicam pouca ou nenhuma confiança na bula, a maior parte do grupo observada indica certa confiança na bula enquanto fonte de informação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de informação e letramento informacional são amplos e se prestam a infinitos contextos. É essencial que os tenhamos em vista quando tratamos de temas como a busca pela informação, de que fonte o usuário a retira, e a confiança na mesma. Neste trabalho, passamos pelos conceitos de informação, letramento informacional, e fontes de informação, a fim de consolidar o conceito que mais se adequaria à nossa pesquisa. Nessa ótica, passamos a tratar a informação da mesma forma que o usuário a entende: de forma informal, e não científica. Assim sendo, escolhemos a definição de informação como o ato de “informar-se” por parte do usuário.

O presente trabalho, então, se propôs a entender o relacionamento do usuário de medicamentos com a bula que o acompanha. Para tal, buscamos compreender como o usuário trata suas fontes de informação, como a bula se encaixa nesse contexto, e qual a relevância da mesma na tomada de decisão dos usuários. Acreditamos ser necessário esse estudo como forma de investigar não somente o acesso à informação dos usuários, mas também a forma como ele avalia as informações recebidas. A metodologia utilizada para chegar aos resultados, além de extensa revisão bibliográfica, se deu por meio de pesquisa



quali-quantitativa, com uso de formulário *online* e entrevistas, para que obtivéssemos maior quantidade e variedade de amostras.

Partindo dos resultados obtidos, foi possível concluir que a bula é sim um documento relevante aos usuários de medicamentos. Tendo obtido respostas de diferentes grupos demográficos, pudemos concluir que a confiança na bula de medicamento é concreta. Apesar disso, uma quantidade relevante de usuários indica o uso de outras fontes de informação associadas à leitura da bula, como conversas informais entre amigos e familiares, e uso de mecanismos como a *internet* e o ChatGPT, fenômeno que cresce mais a cada dia.

Uma questão ressaltada em mais de uma oportunidade como ponto negativo no uso da bula de medicamento, entretanto, se deu acerca de questões práticas e de acessibilidade: a fonte do texto, pequena e incômoda para ler, e a formatação textual da bula, para muitos tida como confusa e complexa, indicam que ainda há o que ser melhorado para que a bula se torne um documento cada vez mais acessado.

Por fim, o presente trabalho conclui-se com ciência da importância da bula de medicamento como fonte de informação, e a certeza que o usuário está sempre em busca de novas fontes em que possa confiar. Compreendemos como a bula é um documento respeitado, e esperamos que os resultados aqui obtidos possam avançar cada vez mais o estudo acerca do letramento informacional e da relação do usuário com as fontes de informação que ele julga serem confiáveis, se utilizando da bula como objeto do estudo realizado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. L. V.; ANDRADE, W. O. **Usuários da Informação: sujeitos perfilados com base na Ciência da Informação**. Revista Conhecimento em Ação, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rca/article/view/2875>.

ARAGÃO, B. M. *et al.* **Associação entre letramento em saúde e aspectos sociodemográficos, funcionalidade, felicidade e percepção da pandemia de COVID-**



**19 de pessoas idosas: estudo preliminar.** CoDAS, vol.37, n2, e20240082, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/7fd7cgvbJQfHqsqYHXcd44L/?lang=pt>

ARAÚJO, C. A. A. **O que são “Práticas Informacionais”?** Informação em Pauta, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>

ARAUJO, N. C.; FACHIN, J. **Evolução das fontes de informação.** Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 29, n.1, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6982/5-%205463-15446-1-RV%20%20-ok%20juliana%20fachin%20final.pdf?sequence=1>

BAGGIO, C. C.; COSTA, H.; BLATTMANN, U. **“Seleção de tipos de fontes de informação”** In: Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 204-217, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. A. **Estudos de Usuários e Práticas Informacionais: do que estamos falando?** Informação & Informação, [S. l.], v. 22, n. 2, p.389–401, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31462>.

CASTRO, G. R. **Discussão conceitual sobre Dado, Informação e Conhecimento: perspectiva dos alunos concluintes do Curso de Biblioteconomia da UFPB.** UFPB, 2011. Disponível em: <http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2011/discussao-conceitual-sobre-dado-informacao-e-conhecimento.pdf>

DEBORTOLI, C. B. **Bula como fonte de informações para usuários de medicamentos.** 2018. Artigo (Graduação) – Curso de Farmácia, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/17a0163d-1f21-4c08-ba9e-b37c92051bcd>

EDUVIRGES, J. R.; SANTOS, M. N. **A contextualização da internet na sociedade da informação.** Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17450>.

FUJITA, P. T. L. **Análise da apresentação gráfica do conteúdo textual da bula de medicamento na perspectiva de leitura do paciente em contexto de uso.** Curitiba, 2009. Disponível em: [https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/18336/Dissertacao%20de%20estrado\\_Patricia%20Fujita\\_PPG%20Design.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/18336/Dissertacao%20de%20estrado_Patricia%20Fujita_PPG%20Design.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

FUJITA, P. T. L. **Análise dos processos de construção da bula de medicamento para a saúde das populações.** 2014. 165f. Tese (Doutorado em Informação, Comunicação e



Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8546>

GALDENCIO, R. C. B.; LIMA, M. H. T. F. “**Reflexões sobre o usuário de informação na “sociedade da informação”**” In: XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Repositório FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/2442>.

GASQUE, K. C. G. D. **Competência em Informação: conceitos, características e desafios**. AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25246>

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/view/140/311/1016>

HJORLAND, B.; CAPURRO, R. **O conceito de informação**. Perspectivas em ciência da informação, v. 12, n. 1, p148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?lang=pt&format=pdf>

LANZI, L. A. C.; et al.. **Tecnologias de informação e comunicação no cotidiano dos adolescentes: enfoque no comportamento e na competências informacionais da ‘geração google’**. Informação & Informação, v. 17, n. 3, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/35149>

LIMA, R. I. M. *et al.* **Letramento funcional em saúde de usuários da atenção primária de Altamira, Pará**. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2022;17(44):2763. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2763/1680>

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 47, de 8 de setembro de 2009**. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/res0047\\_08\\_09\\_2009\\_rep.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/res0047_08_09_2009_rep.html)

PUEBLA, G. C. **Avaliação da compreensão de bulas de medicamentos pelos usuários**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/96030>



---

RESENDE, L. R. **Fontes de informação em biblioteconomia: uma seleção para estudantes e recém-formados.** UFMG. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VRNS-9R8J9R/1/monografia.pdf>

SCHONS, C. H. **O volume de informações na internet e sua desorganização: reflexões e perspectivas.** Informação & Informação, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/34048>

SILVA, M *et al.* **Estudo da bula de medicamentos: uma análise da situação.** In:Rev. Ciênc. Farm. Básica Apl., v. 27, n.3, p.229-236, 2006 ISSN 1808-4532. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/551/549>

SILVA, T. *et al.* **Bulas de medicamentos e a informação adequada ao paciente.** Rev. Saúde Pública 34 (2). Abr 2000. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rsp/article/view/25002/26830>